DIÁRIO *de bordo*

# Tempo de calcular

ROBERTO RODRIGUES



Fim de ano e começo de outro ano é tempo de fazer um balanço do que passou e especular sobre o que virá.

No caso agrícola, a primeira premissa para tal exercício é admitir que não existe uma única agricultura no Brasil, mas várias, determinadas pelas diferenças edafoclimáticas, tecnológicas, culturais, fundiárias etc. A análise é bem complexa.

É possível dizer que, em geral, 1999 não foi um ano bom para a agricultura brasileira, por duas razões especiais: a renda caiu e a insegurança no campo aumentou.

A mudança cambial de janeiro passado e a queda dos preços internacionais das principais *commodities* foram fatores de queda da renda. Em alguns casos há até uma ligação indireta entre os dois.

Logo após a variação do câmbio, produtores ágeis que venderam suas safras – como a da soja – receberam boa remuneração. Mas um mês depois os preços começaram a cair em dólar, descompensando os ganhos cambiais. E daí em diante foi um desastre.

Em 1999 os preços da soja e da cana-de-açúcar foram os mais baixos em mais de duas décadas. Os produtores de laranja também sofreram com a queda dos preços, agravada pelo descumprimento, por parte de algumas indústrias, dos contratos assinados, inclusive no ano anterior. Quem tinha contrato de venda a mais de US$3 a caixa viu grande parte de suas laranjas cair sem ser colhida. E quem não tinha contrato acabou tendo que entregar a fruta a preços abaixo do custo.

É verdade que, do meio do segundo semestre para frente, as carnes e o café tiveram melhoria de preços. Mas em geral a renda rural não cresceu em 1999, apesar da safra recorde de grãos, segundo o governo.

Um problema geral determinado pelo câmbio foi o aumento dos preços de insumos: fertilizantes, defensivos e combustíveis subiram muito mais que a inflação, provocando forte aumento do custo de produção para toda a agropecuária.

A questão das invasões de terra, cada vez mais atrevidas e menos controladas, com pretextos cada vez mais absurdos, complacentemente observadas de soslaio por governos inseguros, tem causado grande desânimo no setor rural. Produtores não investem e investidores estrangeiros no agronegócio preferem ir a outros países latino-americanos, uma vez que a garantia da propriedade, determinada pela Constituição, não é atendida pelos governos estaduais e federal.

Nem tudo porém foi ruim em 1999.

A renegociação das dívidas em meados do ano provou que uma afinada atuação das entidades de classe com o Congresso é capaz de grandes sucessos. É preciso destacar a atuação dos deputados federais ligados à Frente Parlamentar da Agricultura e a boa coordenação privada com eles. A questão do endividamento agrícola não foi resolvida em definitivo, mas os resultados da negociação aliviaram mais de 90% dos problemas em 1999. E foi criada base sólida para novas rodadas negociais.

Por falar no Parlamento, outro bom momento foi representado pelos avanços em matéria legislativa. Tanto na área trabalhista quanto na ambiental, foram conseguidas mudanças relevantes, que modernizarão as relações capital-trabalho no campo. Houve também progresso na defesa sanitária animal, com o bom combate à aftosa.

O último grande sucesso de 1999 foi a batalha de Seattle. Mesmo sem uma agenda de consenso para a Rodada do Milênio, em função da desorganização e falta de transparência da OMC e da prepotência dos países ricos, ficou claro que o Brasil está muito mais bem preparado para embates internacionais do que no passado. A interação entre governo, setor privado, academia e Parlamento foi preciosa conquista da agropecuária brasileira e temos muito a comemorar com isso.

Em 2000 não dá mais para falar em recordes de produção, como insiste o governo. É preciso discutir a renda do agribusiness. A quem interessa saber se a produção é de 70, 80 ou 100 milhões de toneladas, se ela não é sustentável? Se houver renda, os agricultores produzirão 200 milhões de toneladas. Caso contrário, continuarão no ridículo patamar das 80.

É preciso definir uma política de renda para o campo, principalmente para o pequeno produtor.

É preciso avançar nas reformas estruturais de interesse de toda a economia e dos agricultores. Reformas tributária, política, ajuste fiscal, reforma previdenciária e do Judiciário empurrarão o Brasil para um futuro mais decente, e o campo irá junto. Devemos terminar as mudanças nas áreas trabalhista e ambiental, além de resolver em definitivo o endividamento e a questão fundiária, devolvendo segurança aos agricultores profissionais. E continuar o bom trabalho na OMC.

Por tudo isso, 2000 deve ser um ano bem melhor do que o passado.

Roberto Rodrigues *é engenheiro agrônomo e agricultor, presidente da Aliança Cooperativa Internacional e da Associação Brasileira de Agribusiness e professor de Economia Rural da Unesp-Jaboticabal.*